



Batalha pelo petróleo

Trump convoca aliados a somar forças para manter o tráfego naval pelo Estreito de Ormuz, "seja como for"

Assegurar a livre navegação pelo estratégico Estreito de Ormuz e o fluxo de petróleo a partir do Golfo Pérsico, principal fonte de abastecimento do mercado global, passa a ser a prioridade número um da Casa Branca na terceira semana de guerra contra o Irã. O presidente Donald Trump convocou ontem os aliados, e mesmo outras potências, a seguir os passos dos Estados Unidos e enviar forças-tarefas navais para a região, a fim de garantir a segurança na região — e, eventualmente, escoltar os petroleiros, vários deles alvos de ataques iranianos nos últimos dias.

“Muitos países, especialmente aqueles que estão afetados pela tentativa do Irã de fechar o Estreito de Ormuz, vão enviar navios de guerra, junto com os EUA, para manter o estreito aberto e seguro”, disse Trump em mensagem publicada na sua plataforma, a Truth Social. O presidente norte-americano ressaltou que “outros países devem se ocupar também” da crise, que provocou uma disparada nas cotações internacionais do petróleo e motivou o envio de mais três navios à região, além de uma unidade de desembarque anfíbio com 2,5 mil fuzileiros navais. “China, França, Japão, Coreia do Sul, Reino Unido e outros que estão afetados por esta restrição artificial, vão enviar reforços”, escreveu.

A noção de que o conflito se desloca para a esfera econômica foi ilustrada pelas ações militares mais recentes, de ambas as partes. O Irã, que vinha de fazer seguidos ataques a petroleiros, bombardeou o porto de Fujairah, nos Emirados Árabes, uma das principais áreas de armazenamento de combustível na região, além de importante centro para reabastecimento e manutenção de navios. As forças dos EUA, por sua vez, anunciaram ter destruído dezenas de instalações vitais para a exportação de óleo iraniano na ilha de Kharg, próxima ao Estreito de Ormuz.

“Os EUA derrotaram e aniquilaram completamente o Irã, tanto militar quanto economicamente, e de todas as outras formas, mas os países do mundo que recebem petróleo através do Estreito de Ormuz



Ataque iraniano a instalações petrolíferas no porto de Fujairah, nos Emirados Árabes: escalada na guerra repercute nos mercados globais

Memória

Tragédia em 1988

» SILVIO QUEIROZ

A escalada militar entre Estados Unidos e Irã no Estreito de Ormuz tem precedentes na guerra travada de 1980 a 1988 entre a República Islâmica e o Iraque de Saddam Hussein — então, apoiado por Washington e aliados ocidentais, pela quase totalidade do mundo árabe e pela hoje extinta União Soviética. O longo conflito teve uma de suas expressões na chamada

“guerra dos petroleiros”: cada lado buscava sufocar as exportações de óleo do adversário bombardeando os navios que transportavam a commodity através do Golfo Pérsico.

Além de contar com os mísseis ar-terra Exocet, fornecidos pela França, o regime de Bagdá contava com a cobertura das monarquias pró-ocidentais do Golfo Pérsico, que passaram a embarcar como sua a produção petrolífera iraquiana. No início de 1987, depois de navios seus terem sido atacados pelas forças iranianas, o Kuwait conseguiu dos EUA, na época sob presidência de Ronald Reagan, um esquema original de apoio: petroleiros

kuwaitianos foram “rebatizados” com bandeira norte-americana e escoltados pela força naval deslocada por Washington para assegurar a navegação na principal via de escoamento de petróleo para o mercado internacional.

O envolvimento direto no conflito resultou no trágico incidente de julho de 1988 em que o cruzador USS Vincennes abateu, alegadamente por engano, um Airbus da companhia Iran Air que havia decolado de Bandar Abbas, no litoral do Golfo, com destino a Dubai, nos Emirados Árabes. As 290 pessoas a bordo foram mortas. O comandante do Vincennes, William Rogers III alegou que o

avião civil teria sido confundido com um caça F-14 Tomcat, parte da Força Aérea que o regime de Teerã herdara da monarquia deposta em 1979 pela Revolução Islâmica.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas absteve-se de condenar os EUA pelo episódio. O governo Reagan, embora tenha emitido nota lamentando a tragédia, jamais expressou desculpas formais. Em 1996, já com George Bush (pai) na presidência, Washington aceitou um acordo pelo qual pagou US\$ 131,8 milhões ao Irã em compensações, em troca do encerramento de uma ação movida por Teerã na Corte Internacional de Justiça.

devem se ocupar dessa passagem”, escreveu Trump em suas redes sociais. “Vamos mantê-la aberta, de uma maneira ou de outra.” Ele mencionou a opção de escoltar os petroleiros, a exemplo do que foi

feito durante a guerra Irã-Iraque, nos anos 1980 (**leia Memória**). O presidente da França, Emmanuel Macron, já acenou com a participação de suas forças, mas apenas “quando a situação se acalmar”.

“Para os inimigos”

O governo iraniano minimizou o impacto dos ataques norte-americanos na ilha de Kharg e, por meio do chanceler Abbas

Araghchi, afirmou que o tráfego pelo Estreito de Ormuz está fechado “apenas para navios dos inimigos”. Como exemplo, mencionou a passagem segura, nos últimos dias, de um navio que

transportava petróleo para a Índia. O embaixador iraniano em Nova Délhi, Mohammad Fathali, confirmou a notícia e ressaltou que os dois países são “amigos e parceiros de longo alcance”, possível menção à condição de ambos como membros plenos do Brics, bloco emergente do qual faz parte também o Brasil.

Vizinhos árabes da região do Golfo, como Kuwait e Bahrein, voltaram a registrar ataques iranianos com drones e mísseis contra suas instalações. O regime de Teerã reafirmou que se reserva o direito de atingir instalações utilizadas para ataques a seu território, uma referência às bases militares norte-americanas na região. A decisão, porém, foi objeto de mensagem dirigida por um de seus principais aliados, o movimento palestino Hamas, que vem de enfrentar dois anos de ofensiva militar por parte de Israel, com saldo de mais de 70 mil mortos na Faixa de Gaza. O Hamas apelou para que sejam suspensas as ações contra os vizinhos árabes.

Combates no Líbano

Em outra frente do conflito, o movimento xiita libanês Hezbollah, outro aliado iraniano, anunciou “confrontos diretos” entre seus milicianos e tropas israelenses em localidades ao sul do país, com “armas leves e foguetes”. Desde o início da ofensiva americana e israelense contra o Irã, em especial após a morte do líder supremo do regime islâmico, o aiatolá Ali Khamenei, o Hezbollah passou a lançar mísseis e drones contra o norte de Israel. O revide, com bombardeios diários, deixou mais de 800 mortos em solo libanês, na maioria civis.

Nos últimos dias, o governo israelense afirmou que ocupará áreas fronteiriças do país vizinho até que o movimento xiita seja efetivamente desarmado, como prevê um acordo firmado dois anos atrás. Com a capital libanesa sob novos bombardeios, o governo de Beirute anunciou a formação de uma delegação encarregada de negociar um novo cessar-fogo com Israel. Nenhuma data ou local foi definida, mas o presidente francês, Emmanuel Macron, ofereceu-se para facilitar o processo.

OBITUÁRIO

Jürgen Habermas, filósofo alemão

Morreu ontem, aos 96 anos, o filósofo Jürgen Habermas, expoente da tradição da teoria crítica e do pragmatismo e principal pensador da segunda fase da Escola de Frankfurt, da qual era o último remanescente. Habermas foi o intelectual alemão mais influente de sua geração e esteve envolvido em todos os grandes debates do pós-Segunda Guerra Mundial. Tomou posição firme a favor da democracia e investiu na crítica ao nazismo. A notícia do falecimento foi divulgada por uma porta-voz de sua editora, a Suhrkamp Verlag. Ele era viúvo e deixava dois filhos, Tilmann e Judith.

Segundo informações de familiares, Habermas morreu em Star-berg, no sul da Alemanha, perto de Munique. Durante os últimos anos de vida, dedicou seu tempo a promover um projeto federal europeu, a fim de evitar que o Velho

Continente caísse novamente, assim como ocorreu no século 20, nas rivalidades nacionalistas. “A Alemanha e a Europa perdem um dos pensadores mais representativos do nosso tempo”, lamentou o chanceler (chefe de governo) Friedrich Merz. Depois de exaltar “o vigor intelectual” de seu trabalho, com impacto sobre “gerações de pesquisadores”, Merz afirmou que “sentiremos falta da sua voz”.

Nascido em 18 de junho de 1929, em Düsseldorf, Habermas foi incorporado às Juventudes Hitleristas, embora fosse jovem demais para participar ativamente da guerra. Filho de pais com pronunciada confissão protestante, durante a adolescência foi duramente marcado pelo colapso do nazismo. Perto do fim da guerra, conseguiu esconder-se da polícia para fugir do alistamento na Wehrmacht, o exército do III Reich. Após descobrir os

Odd Andersen/AFP - 13/11/10



Habermas discursa no Museu Judaico de Berlim, em 2010

crimes do regime e a realidade da época, desenvolveu gosto pelo estudo da filosofia.

Foi um dos principais estudiosos da Escola de Frankfurt e abordou em seus trabalhos, sobretudo, temas como linguagem, racionalidade e a construção da esfera pública. O estudioso vinculou filosofia e política, pensamento e ação. A grande autoridade moral que obteve ao longo dos anos conquistou inúmeros reconhecimentos internacionais. Trinta anos após ter sido a voz dos protestos estudantis alemães nos anos 1960, tornou-se alvo de críticas ao denunciar os riscos de um “fascismo de esquerda” para o Estado de Direito.

Em sua tese de livre-docência, o filósofo descreveu o desenvolvimento da esfera pública. Englobou em seu estudo desde a Europa do século 18 até o século 20,



Leia entrevista sobre Jürgen Habermas com o professor Francisco Tavares, doutor pela UFMG

quando o continente tornou-se arena pública governada pelos meios de comunicação de massa.

Em 1989, criticou as modalidades da reunificação alemã, guiadas principalmente pelas exigências do mercado, que tornavam padrão monetário o marco alemão — moeda oficial da Alemanha Ocidental desde 1948, e posteriormente da Alemanha reunificada, até a adoção do euro. Além disso, defendeu fortemente a União Europeia, elogiando a busca pela integração política do bloco.